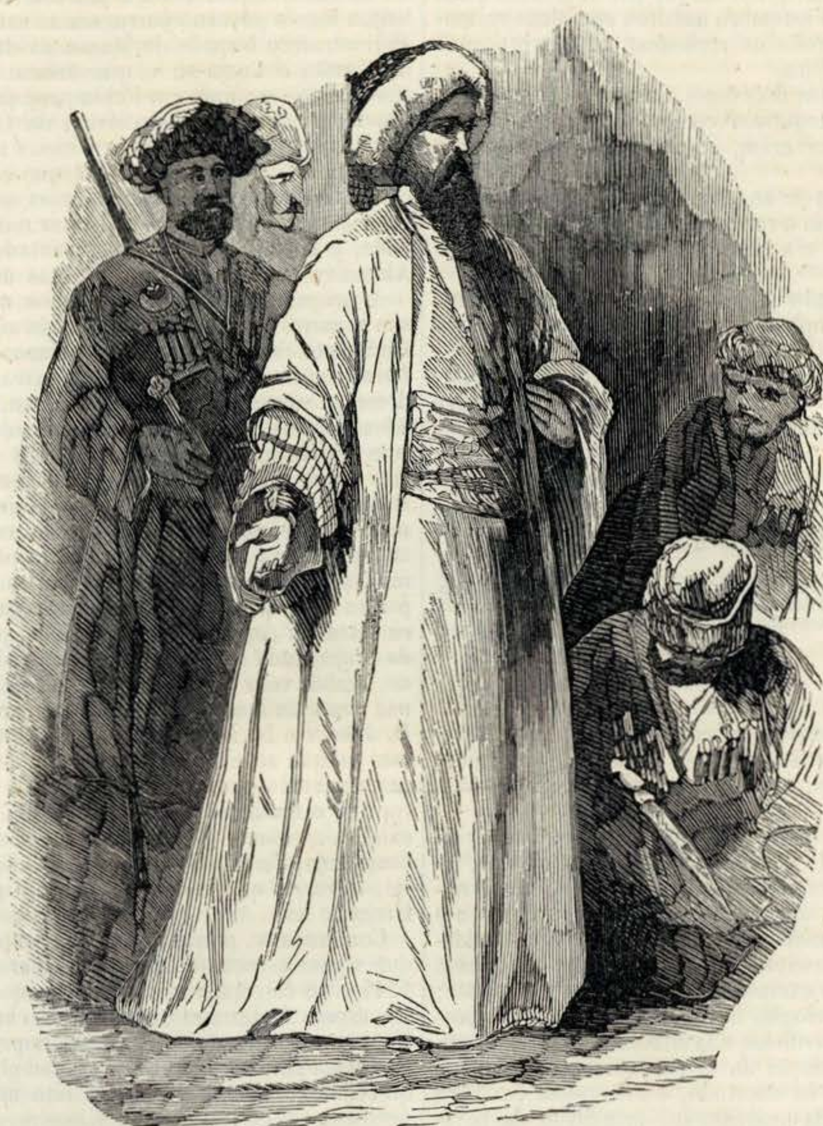


Schamyl. — Gravura de Coelho.

O chefe dos temiveis montanhezes que desde trinta e cinco annos derrotavam á Russia exercitos sobre exercitos; o Abdel-Kader do Caucaso; o successor de Khasi-Mollah; o mudchir; o escolhido por Deus; Schamyl, em fim, acaba de ser aprisionado em 16 de setembro ultimo, depois de longa e energica defesa, sustentada no cabeço fortificado de Gunib.

Schamyl nascêra em 14 de maio 1797, n'uma aldeia de Kimry, ao norte do Daghestan, de uma familia de pastores tartaros.

Criado pelo arabe Djelal-Eddin, o pae da *suffina*, doutrina religiosa, que ensina que o espirito superior, que rege o mundo, envia á terra todos os cem annos um ente, que depois de ter passado por quatro gráos de perfeição religiosa, deve mandar os outros homens na qualidade de mudchid; Schamyl começou em 1824 a sua carreira de luctas e combates, proclamando a guerra santa contra os russos. Até 1831 sustentou-a com bom exito, mas desappareceu por alguns tempos. Nos fins de 1839 recomeçou a campanha e sustentou a guerra mais vinte annos.

De todas as tribus do Caucaso fizera um povo unido. Promulgára uma legislação admiravel, e organisára um exercito permanente. Dividira em vinte provincias o paiz que o reconhecia por chefe. Á frente de cada uma puzera um naïb ou governador, e um ancião encarregado de administrar justiça e transmittir ao povo as ordens do segundo propheta de Allah, que era assim que os povos do Caucaso o designavam. Cada naïb devia fornecer trezentos cavalleiros e velar pela sustentação de uma guarda nacional composta de todos os homens de quinze a cincoenta annos. Um batalhão de desertores russos e polacos completava o seu exercito.

A guarda de Schamyl, composta de mil muridas, seguia-o em todas as expedições.

Depois de uma serie de revezes, Schamyl encerrou-

se com quatrocentos muridas fieis, na fortaleza de Gunib, situada n'um plano mui elevado, por tres dos lados cortado a pique, sem ter no quarto mais que uma deveza tortuosa escarpadissima. Era um ninho d'aguia, uma posição julgada inexpugnavel. O principe Bariatinski dirigiu o ataque por dois lados a um tempo. Em 7 de setembro assaltou com duas columnas, uma escalando os rochedos, outra avançando pelo pequeno trilho.

Collocados entre dois fogos, sem retirada possivel, os muridas sustentaram combate desesperado. De quatrocentos que eram, só escaparam quarenta e sete.

Schamyl tinha-se encerrado n'uma casa aberta no rochedo. Obrigado a render-se, obteve do general Bariatinski a vida, e a conservação de suas riquezas e mulheres.

Schamyl é ainda vigoroso, mas ha algum tempo padece de uma ophtalmia. Passa o tempo na oração e na leitura do Coran.

Bem escoltado partiu com sua familia e seus tres filhos para San-Petersbourgo, onde só o czar deve regular definitivamente o seu destino.

O CHRISTIANISMO NA CHINA.

Sua introducção, depois de descoberta a India por Vasco da Gama. — Successos mais notaveis, principalmente no que é relativo á questão do real padroado portuguez.

II.

Interrompendo por um pouco o seguimento historico d'esta narrativa, vejamos o que, na epocha decorrida, succedeu relativo ao real padroado portuguez na China.

A pretenção da coroa de Portugal exercer o direito de padroado em todos os paizes do oriente, situados além do cabo Não, embora fundada em direito e authenticos documentos, era talvez excessiva e prejudicial ao mesmo padroado. Nenhuma difficuldade, porém, se suscitou da parte da curia em quanto o nosso dominio exclusivo se conservou no oriente; antes repetidos elogios lhe mereceu o governo portuguez, pelos sacrificios e avultadas sommas que empregava na dilatação da fé christã. Só depois que o nosso poderio foi decaindo, e foi creada em 1622 a congregação da propaganda, principiou da parte d'esta a guerra surda e disfarçada contra o padroado portuguez, a pretexto de que este carecia de meios e de missionarios. Mas a propaganda por ventura possuia então em maior escala esses recursos?

Depois da partida de S. Francisco Xavier para a India, foram após elle e sob o nosso padroado jesuitas de quasi todas as nações, portuguezes, hespanhoes, italianos, flamengos, allemães, polacos, etc. O governo de Portugal acceitava, e propunha mesmo para as sédes episcopaes, os missionarios estrangeiros; systema que seguiu por muitos annos, sendo ainda enviados bastantes d'estes para a Asia no reinado de D. João v. Se depois rejeitou por vezes missionarios propagandistas, foi porque estes começaram abertamente a perturbar as nossas missões, procurando separal-as dos seus legitimos pastores, ou recebendo sob sua immediata jurisdicção sacerdotes que desertavam dos seus prelados para as bandeiras da propaganda. Bem o prova o que na China succedia, como passâmos a referir.

Em 1575 creou-se o bispado de Macau, abrangendo toda a China e a Tartaria. Pelos progressos que foi fazendo o christianismo, esta circumscripção se tornou excessiva e monstruosa. As numerosas christandades do interior da China exigiam novos bispados; mas a sujeição á Hespanha e a guerra da independencia não permittiram a erecção d'elles, e até quasi todas as dioceses do oriente estiveram privadas de pastores, porque a santa sé recusava dar as bullas de confirmação. Feita a paz com Hespanha, sollicitou logo o governo portuguez ao santo padre, que se limitasse o bispado de Macau ás duas provincias de Cantão e Cuam-si, e que fossem creadas duas novas dioceses; uma em Pekim, comprehendendo as provincias do norte e occidente da China, e outra em Nankim, composta das provincias medias do mesmo imperio. A curia bem sabia que estas providencias eram justas e necessarias; mas nem por isso a propaganda deixou de as combater e impedir quanto pôde, e só em 1690 cedeu á vontade energica de Alexandre VIII, que erigiu as ditas novas dioceses.

A propaganda não queria bispos na China, mas sim vigarios apostolicos, que, sendo amoviveis, mais facilmente estão sujeitos á sua influencia e caprichos. Perseverante no proposito de guerrear o nosso padroado, conseguiu de Innocencio XII, successor de Alexandre VIII, que limitasse o bispado de Pekim ás suas provincias de Xan-tum e Che-ly com a Tartaria, e o de Nankim á provincia d'este nome e á de Ho-nan. O governo portuguez annuiu a estas desmembrações, com a condição, como consta das bullas apostolicas, de se não fazer no futuro nenhuma innovação nas missões do real padroado, sem o expresso consentimento do padroeiro. Mas a curia nunca attendeu depois a esta obrigação, porque o plano da propaganda foi sempre de, mais cedo ou mais tarde, acabar com o padroado portuguez. Se o não fez nas rupturas com a corte de Roma nos reinados de D. João V e D. José I, não foi por falta de vontade, mas porque as circumstancias não a favoreciam. Macau era então o unico porto aberto na China aos europeus, e tinhamos alli quasi o trato exclusivo. Se existira a colonia ingleza de Hong-kong, e abertos, como hoje, cinco portos ao commercio europeu, faria, talvez, o que veiu a realisar no pontificado de Gregorio XVI.

Continuemos, porém, a historia propriamente dita, que vamos esboçando. Já acima referimos como em 1747 e 48 começára a perseguição que, continuada por espaço de dez annos, assolou as christandades de Nankim, as quaes no tempo do imperador Kam-hi contavam para cima de duzentos mil christãos, ficando reduzidas apenas a sete ou oito mil, depois das perseguições de Ium-cham e Kien-lum. Quando estas rebentaram n'aquella provincia, era seu bispo D. frei Francisco de Santa Rosa de Viterbo, franciscano hespanhol, que havia pouco chegára, e que, cortado de trabalhos e fadigas, falleceu pouco depois, quando mais necessaria era a sua presença.

Por estes tempos tinha partido para a China, em companhia de outros destinados para Pekim, o jesuita Godofredo, natural de Vienna d'Austria, e sujeito de muita instrucção. Tendo tido algumas desintelligencias com seus companheiros, estes o deixaram na provincia de Xan-tum. Deu d'isto parte a el-rei de Portugal, e este o nomeou bispo de Nankim. Depois de sagrado, partiu para as christandades da provincia do Ho-nan, pertencente áquella diocese, e ás quaes tambem chegára a perseguição, ainda que menos violenta. O dito bispo, escrevendo para Portugal, dizia em latim ciceroniano: « A biennio domus mihi in fuga est » que por espaço de dois annos andára fugitivo. Acalmada a perseguição na provincia de Nankim, para alli voltou, não sem muitas difficuldades, conseguindo restaurar aquellas christandades quasi perdidas. Depois de muitos annos de trabalho, e já em avançada edade, a propaganda, aspirando sempre a apossar-se das missões portugue-

zas, e tendo já conseguido a nomeação de D. João Damasceno, italiano, seu parcial, para bispo de Pekim, tambem procurou dar ao bispo de Nankim por coadjutor e futuro successor o vigario apostolico de Xan-si; o que não teve effeito, pela morte repentina d'este; mas ao mesmo tempo lhe enviou dois missionarios propagandistas, com uma carta em que a propaganda lhe declarava, que as faculdades por elle pedidas tinham sido enviadas ao seu coadjutor.

Tão estranho proceder foi pelo bispo Godofredo com razão julgado como uma desauctorisação virtual, e deu occasião a que respondesse á propaganda com tanta energia e vigorosa logica, que muito desagradou áquella, principalmente vendo que não tinha acceitado os dois missionarios que lhe enviára. Morreu o bispo em 1787, e foi nomeado seu successor D. Luciano, irmão de D. Marcellino, bispo de Macau; mas pouco tempo depois morreu em Goa, succedendo-lhe D. Caetano Pires Pereira, que residia em Pekim, onde era membro ou mandarim do tribunal das mathematicas. Apesar de confirmado e sagrado bispo de Nankim, continuou a residir na corte imperial, d'onde, em quanto viveu, governou a sua diocese, que, supposto padecesse com a ausencia do seu pastor, não diminuiu comtudo suas christandades. Sendo, porém, reconhecida a necessidade de um missionario europeu n'aquelle bispado, para alli se dirigiu o padre José Joaquim de Miranda, que apenas sobreviveu alguns mezes á sua chegada em 1828. Foi substituido pelo padre João de França Castro e Moura, que, na qualidade de vigario geral, permaneceu na diocese de Nankim de 1830 a 1833, e partiu para a diocese de Pekim em novembro d'este ultimo anno, ficando em seu logar os padres Domingos José Henriques e André Lino da Silva, que, passados alguns annos, se retiraram ambos para Macau, por motivo de graves soffrimentos de saude, e actualmente (julho de 1859) ainda vivem em Lisboa.

No entanto adoecia progressivamente o bispo de Nankim, e sabendo-se em Roma que sua vida perigava, nomearam vigario geral d'aquella diocese ao dito padre Domingos José Henriques, que, tendo já a esse tempo regressado a Macau, nomeou a mr Faivre, lazarista francez, para superior da diocese de Nankim, cujo bispo, o mencionado D. Caetano Pires Pereira, pouco antes da sua morte, acontecida em Pekim a 2 de novembro de 1838, nomeou tambem para vigario geral da sua diocese a mr. de Bezi, missionario propagandista na provincia do Hu-cuam. Poucos mezes depois d'este começar em exercicio, apresentou-se-lhe mr. Faivre, na qualidade de superior da diocese, nomeado pelo padre Henriques. Mr. de Bezi, muito sentido e queixoso, retirou-se para o Hu-cuam; mas pela grande estima e conceito em que o tinha o pontifice Gregorio XVI, que o considerava como um segundo S. Francisco Xavier, o nomeou bispo de Canopo, vigario apostolico de Xantum, e administrador apostolico da diocese de Nankim, que d'este modo se conservou sob a legitima jurisdicção transmittida do padroado real. Mr. de Bezi chamou os jesuitas para a diocese que governava, retirando-se os lazaristas e mais padres francezes. Depois continuou a curia a nomear bispos italianos ou vigarios apostolicos.

Vejamos agora o que se passou na diocese de Pekim, onde os manejos dos propagandistas mais depressa tiveram exito. Já dissemos como Fernando Verbiest obtivera grande celebridade na China. Foi mestre de mathematica do imperador Kam-hi, de quem era valido, e como tal foi encarregado por Luiz XIV, rei de França, de obter que fossem admittidos no imperio missionarios d'aquella nação, sem ser por intermedio dos portuguezes, e por Macau, como faziam todos os estados que pretendiam ter relações com o celeste imperio, chegado então a grande auge de prosperidade e de fama na Europa. Conseguiu Verbiest o seu empenho, e, pouco antes da sua morte, chegaram, em 1788, a Ningpó seis jesuitas vindos de Brest. Como taes foram bem recebidos na egreja portugueza de Pekim, chamada em chinez *Nan-tam*, ou egreja do sul; templo magestoso, e pouco inferior no ambito á egreja de S. Domingos em Lisboa.

Viveram os jesuitas francezes alguns annos com os seus irmãos padres portuguezes; mas Luiz XIV, considerando menoscabada sua gloria, se vassallos seus não vivessem independentes, como representantes da grande nação que elle em si consubstanciava, lhes ordenou que se separassem dos portuguezes. Elles, obedecendo, um dia, depois de cear, se despediram dos seus irmãos, e foram habitar n'uma casa dentro da cidade tartara, que fórma parte de Pekim, e que pelo imperador Kam-hi lhes fôra doada, com uma espaçosa cêrca. Alli fundaram uma egreja, appellidada *Pei-tam* ou egreja do norte.

Dado este exemplo, conseguiram os italianos, que vindos em companhia dos dois legados Tournon e Mazzebarba, ficaram residindo em Pekim, tambem edificar uma egreja, que se denominou *Si-tam* ou egreja occidental. D'este modo havia uma egreja em cada um de tres pontos cardeaes de Pekim; faltava o quarto, ou do oriente, onde a munificencia dos portuguezes fundou a egreja de S. José, que, segundo o costume das outras, se chamou *Tum-tam* ou egreja oriental.

Parece com isto natural que a religião christã devia por este tempo florecer muito em Pekim; não succedeu, porém, assim. Por calculo aproximado póde-se julgar que os christãos nunca excederam de 7:000, e hoje sabe-se que não chegam a 2:000, n'uma cidade que geralmente se acredita constar de perto de dois milhões d'almas! É para estranhar, que tanto zêlo da parte dos propagandistas conduzisse a tão pequenos resultados, e ainda mais que, lamentando a propaganda as frequentes desavenças entre os missionarios de differentes nações, ella propria as promovesse na diocese de Pekim. Não estaria, talvez, em seu poder impedir a separação dos missionarios francezes da egreja portugueza; mas seguramente podia evitar que os seus italianos fizessem o mesmo, trazendo-lhes grande augmento de despeza, que aliás podia utilisar n'outra parte, e o zêlo d'esses varões. Ter-se-hiam assim evitado muitos escandalos. Os jesuitas portuguezes incumbiram aos jesuitas francezes certas e determinadas missões, mas nenhumas aos italianos; estes, porém, bem munidos e petrechados de privilegios, indulgencias, graças e confrarias, tinham meios de chamarem a si os christãos chinezes, e não faltaram por tal motivo frequentes queixas.

Depois da extincção dos jesuitas cresceram de ponto as dissenções, principalmente na vagatura da diocese de Pekim, por morte de D. Polycarpo de Souza. Desde então os propagandistas não tiveram escrupulo em visitarem e administrarem todas as christandades portuguezas que os recebiam ou os convidavam, sendo n'outras repellidos quando lá appareciam. Não contentes com isto, quizeram ter em suas mãos o governo espiritual da diocese. Foi, portanto, por insinuação de Roma, eleito vigario geral o propagandista italiano frei José de Santa Teresa, e pelo primaz de Goa, a quem competia, e que era então o bispo de Cochim, foi nomeado o jesuita frei José Espinha, a quem a propaganda chamava *terrivel rabula*, e que na verdade muito lhe deu que fazer. Foram horriveis as dissenções, escandalos e desordens que resultaram d'estas duas oppostas jurisdicções: basta dizer que houve marido que matou a

mulher, só por pertencer a differente egreja da sua.

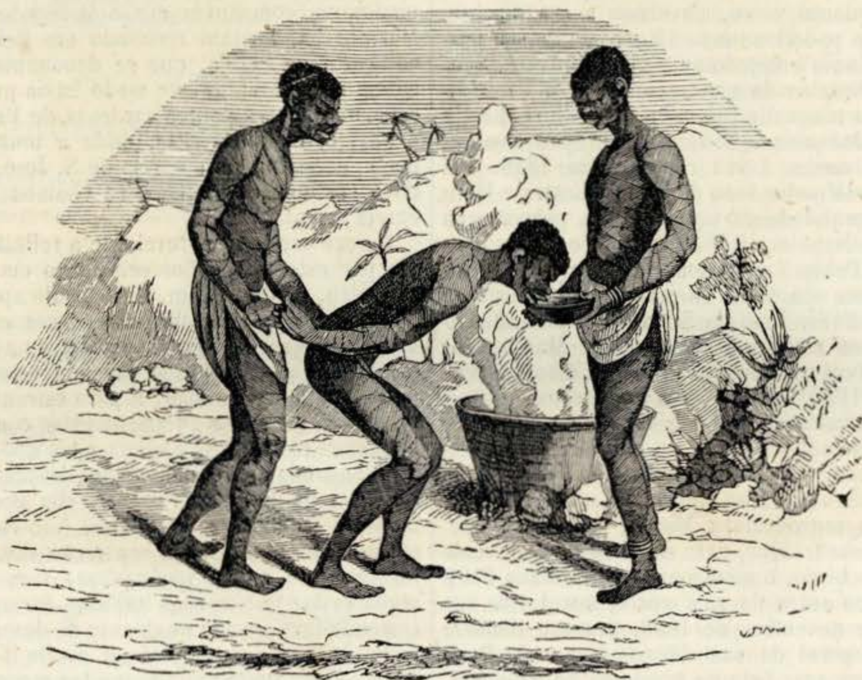
O bispo de Nankim foi rogado para prover de remedio a tantos males; mas allegou que a santa sé lhe tinha intimado, que havia cessado a jurisdicção que lhe competia como administrador da diocese de Pekim.

A propaganda, achando-se por extremo irritada pelo procedimento do padre José Espinha, sempre prompto a repellir suas invasões, pôde obter do governo portuguez, que fosse nomeado bispo de Pekim o italiano D. João Damasceno, de quem acima se fallou. Em Roma expediram-lhe as bullas; mas, antes d'ellas, chegaram á China cartas da congregação da propaganda, annunciando esta boa nova aos seus propagandistas. Sem demora partiu de Pekim para Macau um *cursor* (correio ou christão chim de confiança) para trazer as bullas, sendo ao mesmo tempo convidado o vigario apostolico de Xan-si para achar-se em Pekim ao tempo de regressar o dito cursor. Chegou este, mas não trouxe as bullas esperadas; e como o dito vigario apostolico não podia demorar-se por muito tempo occulto em Pekim, assentaram os propagandistas que a carta da propaganda podia supprir as bullas, e foi com effeito sagrado por ella D. João Damasceno bispo de Pekim!

Este facto inaudito augmentou a tempestade. Os jesuitas protestaram contra similhante sagração. O bispo de Nankim desapprovou-a, e aconselhou a D. João Damasceno, que se abstivesse de exercer as funcções episcopaes; mas este sacerdote, aliás virtuoso, excitado por seus companheiros intimou aos jesuitas o breve de Clemente XIV, e pediu-lhes conta e entrega dos seus bens e rendas, ao que elles se recusaram; mas Damasceno lhes suspendeu a jurisdicção. Imprimiram-se e espalharam-se nas christandades folhetos em chinez, em que se declarava caritativamente, que os sacramentos administrados pelos jesuitas portuguezes eram nullos, como se fossem administrados por bonzos gentios. O padre José Espinha saiu a campo, e atacou energicamente a referida sagração; porém a santa sé a defendeu e declarou licita!!... Entretanto, afflicto D. João Damasceno pelos novos males que d'ella haviam derivado, morreu de uma apoplexia, e pouco depois o seu sagrante, o vigario apostolico de Xan-si.

(Continúa).

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.



Provas do muáve na Africa oriental.

PROVAS DO MUÁVE NA AFRICA ORIENTAL.

Muáve é uma infusão indigesta, que pelos costumes cafres é obrigado a beber, para se justificar, todo o preto accusado de algum malefício. No modo de a expellir depois está a sua salvação ou condemnação.

A nossa gravura representa a scena solemne d'aquella justiça barbara. Os que quizerem ver d'ella descripção e explicação minuciosa podem recorrer ao que se lê a pag. 371 d'este volume.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4.

$$x = 13860\,G + 16$$

Para $G = 0$, teremos $x = 16$ annos.

RECTIFICAÇÃO.

No enunciado do 1.º problema, pag. 291, onde se lê: — «a edade do primeiro é egual á differença entre onze vezes a da segunda, e nove vezes a do primeiro» — deve ler-se... *e nove vezes a do terceiro*.

Item — no 2.º problema, pag. 303, onde se diz: — «expresso pela quarta parte da edade que actualmente tenho» — deve ler-se — *expresso pela edade que actualmente tenho, e mais uma quarta parte.*

Explicação do enigma do numero antecedente.

Honra e proveito não cabem n'um sacco.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P.